

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA - MA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**ADAIAS ARAÚJO SILVA**

**VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA:**  
Abordagens sobre os perigos do preconceito linguístico

ZÉ – DOCA - MA  
2022

**ADAIAS ARAÚJO SILVA**

**VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA:**  
Abordagens sobre os perigos do preconceito linguístico

Monografia apresentada ao Curso de Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof (a). Magna kheytt Mascarenhas dos Santos.

Silva, Adaias Araújo.

Variações diastráticas na língua portuguesa: abordagens sobre o perigo do preconceito linguístico / Adaias Araújo Silva. - Zé Doca, MA, 2022.

... 49f

TCC (Graduação) - Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Zé Doca, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos.

1.Preconceito linguístico. 2.Sociolinguística. 3.Variações linguística.  
I.Título.

CDU: 81'271.16

**ADAIAS ARAÚJO SILVA**

**VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA:**  
Abordagens sobre os perigos do preconceito linguístico

Monografia apresentada ao Curso de Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 03/08/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof (a). Magna kheytt Mascarenhas dos Santos (orientadora).**  
Especialista em Literatura brasileira  
Universidade Estadual do Maranhão

---

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Deus pelas suas maravilhas que tens feito em minha vida de maneira especial.

Grato pelo vigor, pela sabedoria perseverança que Jeová Deus me proporcionou durante toda jornada acadêmica.

À minha família que sempre me apoiou e me motivou para que eu continuasse estudando apesar das adversidades que ao longo do caminho foram aparecendo.

A esta instituição a qual foi à chave do meu crescimento pessoal e que tenho muito orgulho de fazer parte.

À orientadora, professora Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos, que me estendeu a mão para me orientar e me ouvir sempre que eu precisava.

Ao meu avô, Avelino Borba, que foi o primeiro a me dar os parabéns quando eu estava sentado no chão da sala procurando o meu nome na lista dos que foram classificados no Paes 2018, e quando encontrei meu nome classificado em oitavo lugar, logo comecei a pular e gritar de alegria, e meu avô sem entender do que se tratava, perguntou e logo depois me parabenizou.

À Dalva Marques e minha filha Cecília Vitória que além de ser uma preciosidade para mim, é também meu combustível para continuar crescendo e estudando sem jamais desistir dos meus sonhos e objetivos.

## RESUMO

O sistema linguístico deve ser visto como um bem, que permite interação, relações complexas, trocas e ainda confere identidade. Entretanto, quando uma imposição de regras passa a ser exigida desse sistema, o que deveria ser democrático passa a ser autocrático, virando um modelo de exclusão para aqueles que não conseguem dominar as normas gramaticais. É a partir desse ponto, que o preconceito linguístico passa a ganhar vida, e é este assunto que o presente trabalho pretende abordar, destacando os seus perigos perante a sociedade. Esta pesquisa foi motivada pela ideia de conscientização de alunos, professores, classes sociais privilegiadas e não privilegiadas, para a significância da diversidade linguística e o devido respeito que ela deve ter, mas especialmente por aqueles que desconhecem suas origens e contribuições, afinal de contas, por muitas vezes aquilo que é visto como estranho diferente e desconhecido é desvalorizado. Dito isto, esta pesquisa de revisão literária de caráter exploratório descritivo, de produções científicas dos últimos doze anos, pretende proporcionar uma discussão sobre as variações diastráticas presentes na língua portuguesa, enfatizando os perigos do preconceito linguístico, sendo esse o objetivo geral; os específicos delimitados pelo pesquisador incluem: (1) investigar os efeitos negativos do preconceito linguístico no Brasil; (2) explorar bibliograficamente, de que forma as variações linguísticas podem ser tidas como um fator de exclusão social; e (3) analisar de que forma a sociolinguística pode intervir, combatendo o preconceito linguístico. Buscou-se analisar artigos científicos, monografias, teses e revistas online, encontrados nas principais bases de dados Scielo, Lilacs e Google Acadêmico. Essa busca ocorreu no período de três meses (março a maio de 2022), e todos os materiais selecionados foram de pesquisadores devidamente registrados. É importante destacar que todo o levantamento foi distribuído em tópicos, portanto, o presente trabalho está organizado em seis seções, sendo a primeira a introdução, a qual é apresentada ao leitor o tema a ser estudado, sua justificativa, os objetivos (geral/específicos), e a metodologia utilizada. As demais seções por sua vez (distribuídas no desenvolvimento), correspondem aos resultados encontrados, sendo então atribuídas nas suas respectivas subdivisões (seção 2 a 6). Conclui-se com este trabalho que a língua portuguesa é um traço cultural comum a todos (seja o falante brasileiro ou não), e que nesta língua existem inúmeras variações que muitas vezes são vistas de forma preconceituosa por uma grande quantidade de pessoas, sendo então necessário mostrar a existência de um enorme preconceito linguístico (em especial por parte de gramáticos tradicionais) tanto em relação à língua portuguesa falada, quanto em relação a aqueles que falam.

Palavras-chaves: Preconceito linguístico. Sociolinguística. Variações linguísticas.

## ABSTRACT

The linguistic system must be seen as a good, which allows interaction, complex relationships, exchanges and also confers identity. However, when an imposition of rules becomes required in this system, what should be democratic becomes autocratic, becoming a model of exclusion for those who cannot master grammatical norms and spelling rules. It is from this point that linguistic prejudice comes to life, and it is this subject that this research intends to address, highlighting its dangers to society. This research was motivated by the idea of awareness on the part of the academic environment, for the significance of linguistic diversity and the due respect that it should have, especially for those who are unaware of its origins and contributions, after all, for many times what is seen how strange, different and unknown is undervalued. That said, this exploratory and descriptive literary review research, of scientific productions of the last twelve years, intends to provide a discussion about the diastatic variations present in the Portuguese language, emphasizing the dangers of linguistic prejudice, which is the general objective; the specifics delimited by the researcher include: (1) exploring the negative effects of linguistic discrimination in Brazil; (2) to analyze bibliographically, in which way the linguistic variations can be considered as a factor of social exclusion; and (3) investigate how sociolinguistics can intervene, combating linguistic prejudice. We sought to analyze scientific articles, monographs, theses and online journals, found in the main Scielo, Lilacs and Google Scholar databases. This search took place over a period of three months (March to May 2022), and all selected materials were from duly registered researchers. It is important to highlight that the entire survey was divided into topics, therefore, the present work is organized into six sections, the first being the introduction, which introduces the reader to the topic to be studied, its justification, the objectives (general/specific), and the methodology used. The other sections in turn (distributed in the development), correspond to the results found, being then divided into 3 chapters and their respective subdivisions (sections 2 to 6). It is concluded with this work that the Portuguese language is a cultural trait common to all (whether the Brazilian speaker or not), and that in this language there are numerous variations that are often seen in a prejudiced way by a large number of people, being then It is necessary to show the existence of a huge linguistic prejudice (especially on the part of traditional grammarians) both in relation to the spoken Portuguese language and in relation to those who speak it.

Keywords: Linguistic prejudice. sociolinguistics. Linguistic variations.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	SOCIOLINGUÍSTICA: A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL.....	12
2.1	Sociolinguística variacionista: o estudo de Labov.....	18
2.2	As variações linguísticas e suas tipificações.....	22
3	NORMA CULTA E NORMA PADRÃO.....	27
4	OS EFEITOS NEGATIVOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	32
4.1	Preconceito linguístico X preconceito social: a heterogeneidade linguística como fator de exclusão social.....	32
4.2	Desconstruindo o preconceito linguístico.....	36
5	O USO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	37
6	VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS NA LINGUA PORTUGUESA DO BRASIL	40
7	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios que a civilização busca organizar-se em sociedade, e com a evolução histórica, sistemas de comunicação oral passaram a ser criados. Tanto a pesquisadora Alkmin (2004) quanto Cezario e Votre (2008) acreditam que existe uma forte ligação inquestionável entre a sociedade e a linguagem, sendo essa conexão a base da constituição do ser humano. Essa é a primazia dos estudos da Sociolinguística, que tem como principal objeto, as variações pautadas nas questões de ordem social e cultural.

A língua ao ser estudada deve-se levar em consideração variados aspectos, especialmente pelo fato desse organismo vivo e dinâmico, não apenas exigir extensos pontos de investigação, mas ainda requer uma cuidadosa análise. Já afirmava Oliveira (2017), que durante abordagens realizadas em manuais e gramáticas linguísticas, diversos fatores (políticos, culturais, sociais e históricos) acabavam contribuindo para que visões excludentes e limitadas fossem formadas.

É bem verdade que o diálogo faz parte do cotidiano do ser humano, seja em casa, no trabalho ou até mesmo na rua, e por ser um ser observador, o homem involuntariamente não apenas analisa, mas também passa a questionar certas expressões verbais características da fala daquele indivíduo, e por conta disso, acaba levantando questionamentos, tais como: “qual será a escolaridade ou a origem desta pessoa? Será ele da zona rural ou urbana?”. Não é de se admirar que tais questionamentos levando em consideração apenas observações dialéticas, possuíssem uma enorme probabilidade de falhas, e isto acontece devida a existência de variações linguísticas.

Marcos Bagno (2007) afirma que as variações acontecem nos mais variados níveis da língua: fonético-fonológico, sintática, fonética, semântica, fonológica e fatores extralinguísticos (origem geográfica e sociocultural - incluindo diferenças de profissão, idade, nível de fala, sexo, escolarização e classe social). Mollica (2004) complementa, alegando que cada falante possui um vasto acervo linguístico, que é totalmente dependente do ambiente em que essa pessoa se encontra e do contexto em que ela está inserida.

Diante deste cenário é possível constatar que a língua comporta variedades, sejam elas geográficas, socioculturais, estilísticas etc. Partindo desse pressuposto é

possível afirmar, a extrema importância da sociolinguística, especialmente no contexto sociocultural no qual estamos inseridos, afinal de contas, não existe nenhuma comunidade linguística no qual todos falem igualmente, pois a variação, nada mais é do que uma representação de diferenças sociais, sendo uma característica inerente das línguas naturais.

A organização estrutural de uma língua (gramática, sons e léxico) não está associada precisamente com homogeneidade, sendo a variação um fenômeno sistemático, regular e que não está sujeito ao livre arbítrio de cada falante, pelo contrário, ela é motivada pelas próprias regras do sistema linguístico. Agora, quando uma imposição de regras passa a ser exigida desse sistema linguístico, o que deveria ser democrático passa a ser autocrático, virando um modelo de exclusão para aqueles que não conseguem dominar as normas gramaticais e as regras ortográficas. É a partir desse ponto, que o preconceito linguístico entra em cena.

Tem sido bastante comum nos tempos atuais, ideias infundadas motivarem ações que irão atingir variadas instâncias e níveis sociais, ferindo assim os direitos de indivíduos, e princípios como os da diferença e pluralidade (OLIVEIRA 2017). É necessário que o homem passe a observar essas questões com um olhar mais cauteloso e não apenas preconceituoso e equivocado. É preciso compreender que a diversidade linguística não é apenas um fenômeno social, mas também cultural, estando relacionado não apenas a história de um determinado indivíduo, como também ao seu espaço geográfico, cultural regional e suas experiências.

O julgamento desdenhoso de algo que não se conhece, tende a gerar sérias consequências, eis um dos maiores perigos pertinentes ao preconceito linguístico, pois ele está relacionado ao ato de julgar não apenas pessoas isoladas, mas grupos inteiros em uma comunidade de fala, unicamente pelo fato de seu dialeto se afastar do padrão linguístico dessa comunidade. Ao aceitar essa triste ideia, o ser humano está aceitando a dura exclusão social gerada por esse tipo de discriminação.

Com base em tudo que fora apresentado, esta monografia foi motivada pela ideia de sensibilização de alunos, professores, classes sociais privilegiadas e não privilegiadas, para a significância da diversidade linguística e o devido respeito que ela deve ter, especialmente por aqueles que desconhecem suas origens e contribuições, afinal de contas, por muitas vezes aquilo que é visto como estranho

diferente e desconhecido é desvalorizado; sendo assim, ao término deste trabalho, espera-se que este panorama de preconceito seja desmistificado

Vale ressaltar, a importância de abordar essa temática atualmente, especialmente na área das Letras, como uma forma de alerta, pois reconhecer a existência do preconceito linguístico e os perigos relacionados a ele, nos permite também encontrar meios para combatê-lo, sendo essa uma tarefa nada fácil, pois ela representa um desafio social.

Dito isto, esta pesquisa de revisão literária pretende proporcionar uma discussão sobre as variações em razão da convivência entre grupos sociais que são as variações diastráticas presentes na língua portuguesa, enfatizando os perigos do preconceito linguístico, sendo esse o objetivo geral desta pesquisa. Os objetivos específicos delimitados pelo pesquisador incluem: (1) investigar os efeitos negativos do preconceito linguístico no Brasil; (2) explorar bibliograficamente, de que forma as variações linguísticas podem ser tidas como um fator de exclusão social; e (3) analisar de que forma a sociolinguística pode intervir, combatendo o preconceito linguístico.

Este estudo não precisou ser submetido ao comitê de ética e pesquisa por se tratar de uma revisão de literatura de caráter exploratório descritivo, de produções científicas dos últimos doze anos, retratando o tema inicial estabelecido pelo pesquisador principal. Buscou-se analisar artigos científicos, monografias, teses e revistas on-lines, encontrados nas principais bases de dados Scielo, Lilacs e Google Acadêmico. Essa busca ocorreu no período de três meses (março a maio de 2022), e todos os materiais selecionados foram de pesquisadores devidamente registrados.

Foi empregada uma ampla estratégia de busca utilizando como palavras-chave: variação linguística, sociolinguística, preconceito linguístico, variações diastráticas, variações sociais e exclusão social. Após a busca e seleção nas bases de dados online, busquei selecionar o máximo possível de publicações nacionais entre os anos de 2010 a 2022, que abordassem não apenas o tema inicial desta monografia, como também os seus objetivos (geral e específico).

Os estudos passaram por uma leitura minuciosa, a partir do qual buscou destacar as temáticas abordadas nos textos, levando em consideração os critérios de exclusão (publicações incompletas, internacionais, inferiores ao ano de 2010, que não tenham relação com o tema inicial ou os objetivos da pesquisa). Os resultados

encontrados foram distribuídos e apresentados ao longo do trabalho em forma de quadros, com o auxílio do programa Word 2010 para uma melhor análise.

É importante destacar ainda que, todo o levantamento literário encontrado foi distribuído em tópicos. Portanto, o presente trabalho está organizado em seis seções, sendo a primeira a introdução, a qual é apresentada ao leitor o tema a ser estudado, sua justificativa, os objetivos (geral/específicos), e a metodologia utilizada. As demais seções por sua vez (distribuídas no desenvolvimento), correspondem aos resultados encontrados, sendo então atribuídos em suas respectivas subdivisões (seção 2 a 6). Desse modo, fica exposto:

- ✓ Na seção 2 – a respeito da linguagem como prática social, destacando a sociolinguística variacionista (estudo de Labov 1960-1963).
- ✓ Na seção 3 - a importante diferença entre norma culta e padrão, afinal de contas é a partir dessas considerações que muitas pessoas passam a considerar o que é “certo ou errado” na língua portuguesa;
- ✓ Na seção 4 - os efeitos negativos do preconceito linguístico, enfatizando três pontos importantes: (1) a relação entre preconceito linguístico e social; (2) de que forma as variações linguísticas podem levar a exclusão social e (3) como essa discriminação linguística pode ser desconstruída;
- ✓ Na seção 5– buscou explanar como o estudo da sociolinguística pode ser utilizado na prevenção do preconceito linguístico;
- ✓ Na seção 6 – por fim, será exposto sobre a presença das variações diastráticas (sociais) na língua portuguesa no Brasil, e uma breve relação sobre o uso dessa variação e o preconceito linguístico existente perante a sociedade.

## **2 SOCIOLINGUÍSTICA: A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL**

Aqui nesta seção, será discorrido um pouco sobre a sociolinguística em si, sua origem, divisão e importância para a sociedade. Primeiramente, destacam-se os comentários de Oliveira e Castro (2017), segundo eles a língua pode ser tida como um sistema ou um agrupamento de sistemas, sendo que esse assunto é constantemente alvo de estudos devido ao fato de sofrer periodicamente contínuas

mudanças, fornecendo assim ao campo científico novos eventos para serem desvelados.

A língua vem sofrendo transformações ao longo do tempo e no Brasil não é diferente. Apesar de termos como base o português falado em Portugal, podemos dizer que o português brasileiro já vem se firmando e concretizando uma gramática que dita suas regras de comunicação e funcionalidade. A comunicação dá ao falante, seja ele culto ou não, uma competência linguística independente do meio em que ele esteja inserido ou de como o indivíduo faz uso dessa comunicação, pois a linguagem é uma propriedade natural do ser humano (JESUS et al., 2010. p. 2).

É apontado por Santana e Neves (2015) que a comunicação é uma das funções essenciais da língua. Através dela o ser humano se desenvolve, argumenta, questiona, instrui e ensina os demais. No caso da língua brasileira, ela faz parte da cultura e identidade nacional, estando presente nas experiências do nosso cotidiano. A Língua Portuguesa falada no Brasil foi recebida dos colonizadores portugueses, e na atualidade, milhões de brasileiros falam esse idioma, que já fora "temperado" com dezenas de variedades, mais que independente disso, continua enriquecendo nossa língua há mais de 512 anos (SANTANA, NEVES, 2015).

Segundo Ettos e Carlos (2017), existe uma significativa relação entre "a sociedade e a língua", sendo esse o principal alvo das pesquisas sociolinguísticas. Esses estudos acabaram se tornando com o tempo, o centro de intensas investigações, especialmente pelo seu relevante papel desempenhado na vida social. Por isso, torna-se tão imprescindível compreender esse vínculo existente, ainda mais quando o fenômeno linguístico passa a ser discutido.

Para Jesus et. al. (2010) é possível observar ao longo dos anos através de textos escritos (jornais, poemas clássicos etc.), as diversas transformações que a língua sofreu/sofre, e apesar de no Brasil o português prevalecer, o próprio vocábulo nacional sofreu/sofre inúmeras alterações, isso se deu por conta das diversidades linguísticas (mais de 200 línguas faladas devido aos imigrantes). Sendo assim, é possível dizer que no Brasil, não existe apenas uma única língua.

A Língua Portuguesa ganhou novas palavras, perdeu outras, por ocasião de desuso, e recebe constantemente a influência dos empréstimos linguísticos de outras culturas. Porém, um país com dimensões continentais e com tamanha diversidade cultural, é acometido também por diferenças marcantes que vão desde as diferentes classes sociais até àquelas ligadas às relações étnico-raciais. Portanto, seria impossível que não existissem variações que acompanhassem essa evolução da sociedade e, sobretudo, da língua, e daí o surgimento das mais diversas variedades linguísticas, tal

como aconteceu com a Língua Portuguesa, que surgiu depois de inúmeras reformulações do Latim (SANTANA, NEVES, 2015. p. 2).

Nas pesquisas de Jesus et. al. (2010) e Oliveira (2017) os autores buscaram definir tanto a linguística quanto a sociolinguística, sendo a segunda, uma vertente da primeira. Para os autores, a linguística é um estudo científico que objetiva explicar/descrever a linguagem verbal humana, diferenciando-se da gramática tradicional, pois o seu principal objetivo não é ditar regras ou normas para o uso da linguagem. A sociolinguística, por outro lado, é a ciência que trata dos aspectos sociais da língua e suas variações, relacionando-as a alguns fatores, como: contexto social, identidade social tanto do falante/emissor quanto do ouvinte/receptor e o distinto julgamento social que os falantes fazem sobre os outros e do próprio comportamento linguístico.

Cazarotti e Miranda (2019) corroboram com essa afirmativa. Para os pesquisadores, a sociolinguística faz parte da Linguística, tendo como foco principal a língua, a sociedade e a cultura. Sendo que tanto a língua quanto a sociedade são duas realidades que se relacionam entre si, de um modo que uma não pode dissociar-se da outra.

Para a Sociolinguística, toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o sociolinguista registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, relacionando essas variações com fatores sociais, numa tentativa de identificar qual fator ou grupo de fatores é o responsável por determinada variação (ETTO, CARLOS, 2017. p. 1).

Alves (2016) e Oliveira (2017) explicitam em seus respectivos estudos sobre a origem da ciência Sociolinguística. Conforme é apresentado pelos autores, esta ciência ascendeu nos Estados Unidos – especificamente na Universidade da Califórnia, em Los Angeles - em meados da década de 1960, em um congresso preparado por William Bright. Bortoni-Ricardo (2014) alega que muitos pesquisadores decidiram unir “sociedade e língua”, dois importantes assuntos que eles consideravam indissociáveis, pois sem essa união não seria possível compreender a variação em si e as mudanças que ocorrem em seu interior.

De acordo com Salomão (2011) a concepção social da língua já era um assunto abordado por outros autores bem antes de 1960 (exemplo: Meillet- 1866-

1936/Marr -1865-1934/ e Bakhtin - 1895-1975, entre outros), porém, a ideia central do termo “sociolinguística”, só passou realmente a existir nesta época em questão, um evento que comprova isso, é o fato desta palavra não constar na 3ª edição do Dicionário Internacional New Websterem, 1961.

Como é mencionado nas pesquisas de Salomão (2011), Cazarotti e Miranda (2019), a partir do momento que a sociolinguística tornou-se popular no final dos anos 60, outros nomes foram atribuídos para os estudos da interação e intersecção entre sociedade e linguagem: sociologia da linguagem e a sociolinguística propriamente dita. Essas palavras apesar de serem vistas a princípio como sinônimas, com o passar do tempo observou-se a necessidade de diferenciá-las (Paulston e Tucker 2003):

- **Sociologia da linguagem:** Ela é conduzida especialmente por cientistas sociais, bem como por alguns linguistas, e busca alcançar um entendimento melhor da estrutura social por meio do estudo da linguagem, enfocando o efeito da língua na sociedade;
- **Sociolinguística:** É realizada por antropólogos e linguistas, tendo como preocupação maior, uma descrição mais ampliada da linguagem, objetivando o efeito da sociedade sobre a língua, ou seja, ela analisa os aspectos sociais com o foco de compreender melhor a estrutura das línguas e o seu funcionamento.

Para Oliveira (2017) a sociolinguística é um ramo da ciência amplo e fértil, pois se preocupa com inúmeros assuntos que cruzam a sociedade e a língua, tendo como foco de estudo não somente a variação linguística, mais ainda o multilinguismo e as questões referentes ao surgimento e extinção linguística. De acordo com Etto e Carlos (2017), a Sociolinguística é composta de “heterogeneidade sistemática”, permitindo assim a demarcação e detecção de diferenças sociais presentes na comunidade. É complementado pelos autores, que basicamente três disciplinas foram necessárias para a sua formação: (1) a Linguística - com suas teorias sobre a linguagem; (2) a Antropologia - com seus conhecimentos de etnografia; e (3) a Sociologia- com seus bens teórico-metodológicos.

A formalização inicial de uma escola teórica sociolinguística teria acontecido em uma reunião, em maio de 1964, organizada por William Bright, na Universidade de Los Angeles (UCLA), com a participação de 26 linguistas, cuja produção científica focava-se, em sua maioria, no campo da Linguística

social. Entre os participantes estavam William Labov, Dell Hymes, John Gumperez, Charles Ferguson, entre outros, unidos pela vontade difusa de apresentar uma alternativa ao crescente prestígio e domínio mundial de uma Linguística cada vez mais formal, representada pelas pesquisas de Chomsky, voltadas para a produção de modelos explicativos abstratos sobre a competência linguística (SALOMÃO, 2011. p. 3).

Já afirmavam Bortoni-Ricardo (2014), Araujo, Ribeiro e Rezende (2020) que os estudos sociolinguísticos são deveras proveitosos, sendo esse campo bastante amplo. Como disciplina, possui três vertentes mais conhecidas, incluindo:

- I. **A Sociolinguística Interacional:** proposta pelos pesquisadores Erving Goffman e John Gumperz. Eles se dedicaram a estudar os processos interacionais fundamentados na língua utilizada em sociedade. Essa corrente se ocupa com as pesquisas da organização da interação comunicativa frente a frente, através de estudos qualitativos e interpretativos, tendo três bases fundadoras - a Etnografia da Comunicação fundada por Hymes, os processos interpretativos de Harold Garfink e os estudos de Goffman baseados na ordem da interação;
- II. **A Sociolinguística escolar ou educacional:** Esta vertente desenvolvida por Stella Maris Bortoni-Ricardo, compreende a variação linguística no contexto escolar, cujo objetivo é investigar e explicar o processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, bem como os seus entrelaçamentos. Essa corrente tem se preocupado bastante com a heterogeneidade linguística em sala de aula, principalmente, em resultância do preconceito linguístico presente em diversos ambientes. Os pesquisadores aqui procuram defender um ensino da língua voltado para o uso da linguagem de modo consciente, oportunizando a todos os alunos (independente da classe social), oportunidades iguais, sem favorecimento;
- III. **A Sociolinguística Variacionista:** Esta por sua vez contempla as pesquisas quali e quantitativa, cujo fundador é o sociólogo William Labov. Esta vertente será mais bem abordada logo mais adiante, em um tópico direcionado somente a esse assunto.

É importante ponderar as argumentações de Araujo, Ribeiro e Rezende (2020), eles alegam que no princípio, as pesquisas sociolinguísticas preocupavam-se exclusivamente com a descrição dos processos de mudança dos fenômenos linguísticos e suas variações. Em seguida, essa ciência passou a averiguar outras

dimensões da linguagem humana, por exemplo: a diglossia (designa a situação linguística em que, numa sociedade, duas línguas ou registros linguísticos funcionalmente diferentes coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa), o multilinguismo (existência de diversas línguas no seio de um mesmo grupo social ou de um mesmo território), o discurso (situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala), o bilingüismo (capacidade de se comunicar mesmo minimamente com mais de uma língua), a pragmática lingüística (uso da linguagem que dá sentido ao que é dito através do efeito que a conversação provoca), a etnografia da comunicação (assume a comunicação como um meio de se fazer sentido do mundo, sendo ela parte integrante da cultura), as implicaturas conversacionais (uso que fazemos da linguagem em situações concretas relacionadas às intenções do falante).

Em dias atuais, conforme aponta Alves (2016), o que a sociolinguística considera importante é o uso social da linguagem sem denegrir falares e comunidades, sejam esses grupos pequenos, socioculturais ou até comunidades maiores. O olhar da sociolinguística estabelecido ao longo dos anos não é preconceituoso, mas sim diversificado, com o intuito de conhecer a heterogeneidade linguística de um indivíduo ou de uma determinada comunidade.

Atualmente, conforme consta nos respectivos estudos de Santos e Lucchesi (2010), Alves (2016), Oliveira (2017), Cazarotti e Miranda (2019), Araujo, Ribeiro e Rezende (2020), esta disciplina incorpora um vasto terreno, abrangendo quase tudo relacionado ao estudo da linguagem com o seu contexto sociocultural, e devido a esse amplo englobamento, viu-se a necessidade de delimitar a sua área de estudo, dividindo-a em Micro e Macrossociolinguística:

- ✓ **A Macrossociolinguística:** trata das relações entre as línguas como um todo e a sociedade, debatendo-se questões como as resultâncias do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as possíveis políticas linguísticas que podem ser adotadas por um governo. Os pesquisadores do Círculo Linguístico de Praga inquietavam-se com os aspectos dessa divisão em especial, pois ela compreende estudos referentes a: grupos etários, classes sociais, casta, graus de escolaridade, gênero, diglossia (designa a situação linguística em que, numa sociedade, duas línguas ou registros

linguísticos funcionalmente diferentes coexistem, sendo que o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa), país/região de origem, grau de letramento e fala de uma comunidade, descrição do domínio e da história externa de uma língua e atitude lingüística dos falantes. Vale a pena ressaltar que estes sentimentos podem ser tanto positivos (beleza, orgulho, entre outros) quanto negativos (quando os falantes julgam sua própria variedade linguística como sendo feia, associando-a ao desprestígio social);

- ✓ **A microssociolinguística:** esse aspecto fora iniciado com a pesquisa do sociólogo Erving Goffman (1922-1982) em uma publicação (“A Situação Negligenciada”), no ano de 1964. Para esse estudioso, a fala é organizada socialmente, não somente em termos de quem fala, mas também como um micro sistema de ações ratificadas face a face, que são ritualmente governadas, ou seja, um encontro social. São analisados aqui os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, onde são utilizados testes estatísticos no intuito de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma determinada regra variável. Desse jeito, certos elementos deverão ser levados em consideração nesse tipo de análise, como por exemplo: expressões faciais, distanciamento físico entre os participantes, turnos de fala, altura do som, gestos, interações transacionais/pessoais e o papel social dos próprios interagentes.

Sendo assim, na sociolinguística, ainda que o principal objeto de estudo seja os padrões comportamentais linguísticos, outros assuntos como mobilidades sociais, exclusão e preconceito linguístico, também acabam sendo temas de interesse dessa subárea da Linguística. Essa disciplina busca investigar, segundo Mollica (2008, p. 11), o grau de mutabilidade/estabilidade da variação, diagnosticando suas variáveis e os seus efeitos (negativos ou positivos) sobre a emergência dos usos alternativos linguísticos, prevendo seu comportamento sistemático e regular. Essa preocupação originou-se a partir da variação de Labov e de seus estudos variacionista, assunto esse que será mais bem exposto no próximo subtópico (OLIVEIRA, 2017).

## **2.1 Sociolinguística variacionista: o estudo de Labov**

Aqui neste subtópico, buscou focar a respeito da “Sociolinguística Variacionista”, também conhecida como “Sociolinguística Quantitativa” ou

simplesmente “Teoria da variação”. Segundo apontam Oliveira (2017), Etto e Carlos (2017), Cazarotti e Miranda (2019) o pioneiro dessa corrente foi o pesquisador sociólogo William Labov, que preocupado com a motivação social da mudança sonora existente na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts - Estados Unidos (1960-1963) (tema de sua famosa dissertação de mestrado), procurou correlacionar o complexo padrão linguístico dos moradores da ilha, com as assimetrias na estrutura social.

Labov fez nascer essa ciência, cogitando na possibilidade de isolar e analisar os fatores sociais - como sexo, etnia, idade e ocupação - que diretamente estavam afetando o processo linguístico dos nativos dessa ilha, sendo essa, uma justificativa para a íntima interligação existente entre a língua e sociedade. Seus estudos foram focalizados na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas, e acabaram por alavancar uma significativa parcela de contribuição para o ensino, tendo ainda como direcionamento, a Sociolinguística Educacional (OLIVEIRA, 2017; CAZAROTTI, MIRANDA, 2019).

Ele constatou que o uso dos ditongos *au* e *ay* servia para os falantes se identificarem como nativos, contrapondo com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha, o que mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a construção de sua identidade social, como descendentes dos Yankees, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII. Esses habitantes ressentiam-se da presença dos veranistas do continente, considerando sua presença uma invasão cultural e econômica, portanto, marcava a pronúncia desses ditongos como forma de resguardar sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, uma vontade de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos (ETTO, CARLOS, 2017. p. 5).

Salomão (2011), Alves (2016) e Etto e Carlos (2017) complementam que Labov criou um modelo de análise teórico-metodológico, que possibilitou a sistematização da variação existente na língua falada, estudando a coexistência de variantes linguísticas com suas probabilidades de uso, perseverando impetuosamente na relação entre língua e sociedade. Tanto os seus métodos utilizados para a coleta de dados das heterogeneidades do inglês falado em Nova York, quanto as suas pesquisas sobre “as características do inglês afro-americano” foram publicados em 1966, no “The Social Stratification of English in New York City”, sendo então fundamentais na dialetologia social.

Esse modelo de análise linguística trabalha com números e estatística dos dados coletados e sua principal característica, em contraposição ao modelo gerativista, é que Labov “o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” [...]. Com sua metodologia bem delimitada, a Sociolinguística Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece (SALOMÃO, 2011. p. 3).

É criticada por Labov a concepção de língua adotada por Saussure (acredita na homogeneidade da língua), e o conceito de falante-ouvinte ideal defendido por Chomsky, pois foi constatado por ele em seus estudos variacionista, que não é possível compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística, se a vida social da comunidade não for levada em conta. Sendo assim, para que esses estudos sejam melhor compreendidos por parte do pesquisador, é necessário que este utilize conhecimentos de outras ciências (Sociologia, Antropologia e História), enfatizando assim a multidisciplinaridade da sociolinguística (ALVES, 2016 OLIVEIRA, 2017).

Salomão (2011) afirma que as estruturas heterogêneas fazem parte da competência linguística, sendo elas imprescindíveis para o real funcionamento de qualquer língua. Nesse contexto, o indivíduo passa a ter capacidade para codificar e decodificar essa variabilidade. Desse modo, para os variacionistas, tanto a variação quanto a mudança são intrínsecas às línguas, sendo que a primeira, não pode ser vista como um efeito do acaso ou simplesmente um fator assistemático, mas sim um fenômeno cultural incentivado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Não é defendido por um sociolinguista a ideia de que existe uma forma mais adequada ou inferior de se falar, mas sim, que “existem diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” Tarallo (1986, p. 08). Na verdade, para eles, o que acaba influenciando essa escolha de elocução são dois fatores, os internos a língua (pois do mesmo modo que existe mudanças linguísticas, a variação também pode ocorrer no nível sintático, fonológico, semântico-lexical, morfológico e discursivo), e aqueles que são externos (origem e formação social, sexo, idade e escolaridade) (ALVES, 2016).

É evidenciado na análise sociolinguística o processo de interação fala/sociedade, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de heterogeneidade. Para Salomão (2011), a pesquisa Variacionista busca

compreender a sistematicidade da variação, seu encaixamento social/linguístico e uma possível relação com a mudança linguística através de análises quantitativas de um corpus, que fora escolhido a partir de determinadas características sociais associadas a uma variável linguística (seja morfossintática, fonético-fonológica etc.).

Salomão (2011) evidencia essa descrição, especificamente a cinco problemas que podem ser solucionados, levando em consideração o equacionamento da questão da variação:

- ✓ **Fatores condicionantes:** Intenta-se assimilar quais são as circunstâncias para a mudança em dada estrutura, que podem provir de fatores de ordem linguística e/ou social;
- ✓ **Encaixamento da variação:** Intenta-se considerar a possibilidade de outras mudanças que possam estar associadas a determinadas variações das formas ou até alterações em observação na matriz dos concomitantes linguísticos/extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social;
- ✓ **Avaliação das mudanças:** Busca-se pesquisar os possíveis efeitos que a variação possui sobre: (1) a estrutura linguística; (2) a eficiência comunicativa; e (3) um vasto conjunto de categorias não representacionais envolvidas na narrativa (inclusive pragmáticas interacionais e discursivas);
- ✓ **Problemas de transição:** Busca-se assimilar os estágios intermediários entre dois estados da língua, buscando aprender: (1) de que forma um falante aprende uma forma alternante; e (2) o tempo em que essas duas formas coexistem e prevalecem sobre a outra;
- ✓ **Implementação:** Intenta-se analisar os fatores responsáveis pela efetivação da mudança e a causa pela qual essas mudanças ocorrem em um determinado aspecto estrutural da língua, ou em um dado momento da mesma língua e com o mesmo aspecto, ou ainda, na mesma língua só que em diferentes épocas.

Essa Teoria da Variação de Labov, cobre a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Morfologia, Fonologia, Semântica e Sintaxe:

Tanto a análise da influência dos aspectos linguísticos e socioculturais, quanto a observação da reação dos falantes diante de determinadas variantes, contribuem para identificar os motivos de determinada mudança e sua implementação pela comunidades de fala. Contrariando a homogeneidade linguística das teorias estruturalistas, a Sociolinguística procura explicar a heterogeneidade da língua, através da análise de fatores

internos e externos ao sistema linguístico, pois ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível (ETTO, CARLOS, 2017. p. 8).

Em variados centros de pesquisa do mundo, vêm sendo trabalhados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, inclusive no Brasil a partir da década de 1970, por intermédio da atuação de alguns grupos de pesquisadores (projeto Mobral Central; projeto Censo da Variação Linguística e da Norma Urbana Oral Rio de Janeiro; Projeto Culta – ambos no Rio de Janeiro). Muitas pesquisas foram conduzidas por estes grupos, com o intuito de descrever as formas variantes do português brasileiro, explicando os seus fatores linguísticos/extralinguísticos que favorecem/desfavorecem as variantes heterogênicas (SALOMÃO, 2011).

## **2.2 As variações linguísticas e suas tipificações**

Com o passar dos anos, as formas e as necessidades de se ver o mundo foram sendo modificadas, e com isso a comunicação entre as pessoas teve que acompanhar essas oscilações. Sendo assim, Ramos e Soares (2015) destacam em suas pesquisas, que o número de falantes de uma determinada língua, vai crescendo à medida que as necessidades situacionais e regionais trazem novas palavras e mudanças na própria língua. Sendo assim, esta subseção discorrerá justamente sobre essa diversificação linguística existente e suas tipificações, especialmente no Brasil.

Língua é a linguagem verbal (oral/escrita) utilizada por um grupo de indivíduos que fazem parte de uma comunidade. É uma construção humana e histórica, que constitui a identidade dos seus usuários, sendo ela que dá unidade a uma cultura, a uma nação. Uma língua viva é dinâmica, por isso está sujeita a variações. isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (BERLIM, 2020. p. 1).

Como foi possível aprender em subseções anteriores, é um completo equívoco pensar que na Linguística a língua é homogênea, sendo tal mito extremamente prejudicial à educação brasileira, pois a diversidade do português falado no país deve ser reconhecida, afirmam Guerra (2010) e Berlim (2020). Apesar das escolas tentarem impor sua norma lingüística de que a língua é comum a todos

os milhares de brasileiros, (independentemente de sua origem geográfica, idade, grau de escolarização e situação socioeconômica etc.), este ensinamento deve ser combatido.

O Brasil é um país heterogêneo, cuja população é provenientes diversificada em etnias, classes sociais, níveis de instruções etc. Cada grupo dentro de uma comunidade lingüística brasileira possui características próprias do seu falar, e essa variação no uso da língua portuguesa pode ocorrer também em um mesmo falante, quando este altera seu modo de expressar-se verbalmente de forma mais ou menos consciente, conforme a interação sociocomunicativa na qual está inserido (GUERRA, 2010; ARAUJO et. al. 2020).

Essas variações linguísticas presentes no Brasil, carregam não apenas riquezas, mas também heranças culturais, representando a identidade do povo brasileiro. É importante destacar que essas variações podem ser influenciadas por variados fatores, devido a individualidade de cada povo, onde cada falante pode expressar-se verbalmente de modo peculiar, dependendo do cenário em que esteja inserido. Essa questão em si não é uma contrariedade, o que a torna um problema é a falsa ideia de que existe uma língua perfeita, bem-acabada e correta, descartando assim todas as inúmeras manifestações escritas e orais que possam distanciar-se dessa língua “ideal”, esta sim a ideia que precisa ser combatida (SANTANA, NEVES, 2015; RAMOS, SOARES, 2015).

A própria língua portuguesa em si nasceu de um vernáculo do latim clássico, ou seja, de uma variação do latim. Também podemos notar como a língua portuguesa vem se modificando quando observamos textos de 1500 e vemos que a maneira de escrever e falar algumas palavras era diferenciado e que algumas dessas palavras nem mesmo existem mais. Afinal, essa é a tendência de qualquer língua, ir se adaptando às novas entidades que existem ou que irão existir, e de ir se modificando ao longo das gerações (RAMOS, SOARES, 2015. p. 2).

Etto e Carlos (2017) expõem em seu estudo dois importantes pontos relacionados à linguística: (1) a classificação dessas variações pode ser dependente – que é o próprio fenômeno a ser estudado, exemplo disso é ocorrência da concordância nominal; ou independentes – relacionados aos fatores linguísticos internos/estruturais e os externos/socioculturais e (2) os fenômenos variáveis estatísticos que buscam calcular a influência ou o peso de cada fator linguísticos/socioculturais (sincronismo - a ocorrência de uma estipulada variação em

um determinado momento; ou diacronismo - ocorrência dessa variação ao longo do tempo).

Tanto a variação linguística quanto suas mudanças acontecem devido a dois fatores: (1) aqueles que são próprios da língua, fazendo parte de sua estrutura interna; e (2) aqueles que são externos a ela, estão incluso aqui os de ordem social, extralinguísticos. Araujo, Ribeiro e Rezende (2020) apontam que a produtividade de um estudo sobre “variação linguística” está diretamente relacionada aos fatores de ordem social.

Levando isso em consideração, os sociolinguista selecionaram um agrupamento de fatores que podem amparar o pesquisador na identificação dos fenômenos que ocasionam a variação da língua, eles estão mais bem explanados a seguir (ARAUJO et. al. 2020):

- ✓ **Origem geográfica:** Os indivíduos comunicam-se de forma diferente de acordo com o espaço geográfico em que habitam. É possível verificar essa diferença na fala de pessoas que moram no mesmo país e em países diferentes, quando as regiões, os estados com suas áreas geográficas, e os moradores da zona urbana/rural são levados em consideração;
- ✓ **Status socioeconômico:** Este é um fator que contribui para a variação da língua, refletindo na desigualdade da distribuição de bens culturais, que, conseqüentemente, se manifesta no uso linguístico. Exemplo: indivíduos de classe econômica muito baixa não falam da mesma forma que os de classe econômica média ou alta, devido à falta de condições necessárias;
- ✓ **Grau de escolarização:** Na escola os alunos de um modo geral terão contato com a variedade culta da língua, tendo acesso à cultura. Todas essas vivências contribuirão para a forma como esses falantes utilizarão a língua. Desse modo, quanto maior ou menor for o contato desses alunos com a escola, mais adequado ou menos adequado respectivamente, serão suas condições de se manifestarem linguisticamente;
- ✓ **Sexo:** O gênero as quais os indivíduos pertencem acaba exercendo forte influência na forma como estes utilizarão os recursos linguísticos proporcionados pela língua. É possível verificar que alguns recursos expressivos são mais comuns na fala das mulheres (exemplo: alongamento das vogais - “maaravilhosoo” -, diminutivos - bonitinho -, marcadores

conversacionais - tá bom? né? -, enquanto os palavrões e gírias são bem mais comuns na fala dos homens;

- ✓ **Idade:** Cada pessoa dependendo de sua faixa etária faz uso diferenciado da língua. Existem expressões que são mais comuns de acontecerem nos diálogos de indivíduos que possuem a mesma idade: as gírias, por exemplo, são mais frequente entre adolescentes, os adultos por outro lado, tendem a ser mais conservadores evitando certos usos linguísticos. Os idosos são mais conservadores ainda, geralmente utilizando léxicos e expressões que nem são mais utilizados na língua vernácula;
- ✓ **Mercado de trabalho:** O repertório linguístico de uma pessoa é influenciada por sua profissão, exemplo: advogados, médicos, jardineiros, professores, policiais, carroceiros, encanadores etc., cada um desses profissionais usam um linguajar distinto;
- ✓ **Redes sociais:** As redes sociais, formadas por sujeitos com os quais interagimos e convivemos, são também um fator que influencia o comportamento linguístico, isso acontece, pelo fato de adotarmos tendenciosamente comportamentos similares aos dos indivíduos com as quais convivemos.

Muitos acabam julgando a heterogeneidade linguística, mais o seu valor está associado à imagem que se tem sobre os falantes/grupos que a utilizam. Desse modo, se tratando de dialetos geográficos/sociais ou entre registros, não se pode em hipótese alguma falar sobre “superioridade ou inferioridade”, pois como instrumento de comunicação, todos têm a mesma validade. É extremamente importante compreender o fenômeno da variação linguística, especialmente no nosso país, pois desse jeito mostraremos às pessoas que elas não devem ser preconceituosas com alguém por este falar diferente (BERLIM, 2020).

Cada falante varia o seu modo de falar, por esse motivo, os sociolinguistas afirmam que não existe falante de estilo único, pois independentemente do sexo, da classe social, grau de escolaridade ou faixa etária, essa característica trata-se de um comportamento assimilado durante o convívio social. A variação é uma característica própria das línguas naturais, manifestando-se de múltiplas formas. Assim, as variações linguísticas podem ser classificadas da seguinte maneira (RAMOS,

SOARES, 2015; SOUZA, PEREIRA, 2016; BERLIM, 2020; ARAUJO, RIBEIRO, REZENDE, 2020):

- **Varição diatópica ou regional (do grego DIÁ= através de; TÓPOS= lugar):** essa variação corresponde às dissemelhanças que a língua apresenta na dimensão do espaço. É a comparação entre o modo de falar de lugares diferentes, seja estados, regiões de um mesmo país, ou zonas (rural/urbana). Ela se manifesta na divergência de sotaques, na melodia, no ritmo ou até nos distintos léxicos, representando um mesmo referente;
- **Varição diamésica (do grego DIÁ= através de; MÉSOS= meio):** diz respeito às distinções entre a língua falada e escrita. Nesse tipo de variação, é fundamental que o indivíduo tenha noção de gêneros textuais;
- **Varição diafásica (do grego DIÁ= através de; PHÁISIS= expressão, modo de falar):** o grau de atenção que um indivíduo dá ao que fala (dependendo de seu contexto), é tratado nesta variação, que ocorre quando a mesma pessoa muda a seu modo de falar dependendo do ambiente (formal ou informal);
- **Varição diacrônica ou histórica (do grego DIÁ= através de; KHRÓNOS= tempo):** Ocorre através do tempo, tratando-se da analogia entre épocas dissemelhantes e como a comunicação manifesta-se nas mesmas. São os indivíduos da mesma região ou grupo social, mudando a maneira de se expressar verbalmente com o passar dos anos, afinal de contas, a língua por ser viva é de se esperar que ela passe por mudanças e transformações. Tais mudanças são lentas de acontecer, ocorrendo de forma gradual e em apenas parte do sistema, não sendo observável no cotidiano. Somente são observadas quando paramos para refletir ou estudar as línguas, por meio de documentos escritos. Esse tipo de variação, embora ainda seja integrada nas gramáticas normativas, elas não existem mais no uso frequente de determinado país. Um exemplo nacional, seria a segunda pessoa do plural “vós” e o correspondente pronome possessivo “vosso”, eles acabaram desaparecendo tanto na língua falada quanto na escrita, até mesmo pelos falantes ditos cultos. O seu uso atual foi substituído por “vocês e suas variações”;

- **Variação diastrática ou social (do grego DIÁ= através de, e latina STRATUM= camada, estrato):** refere-se às variações que acontecem em diferentes estratos socioculturais, ou seja, de um grupo social para outro. Relacionam-se a um aglomerado de fatores que têm a ver tanto com a identidade dos falantes quanto com a organização sociocultural da comunidade de fala. Exemplo: idade, classe social, grau de escolaridade e sexo. Esse tipo específico de variação é um dos pontos chave desse estudo. A sua relação com a heterogeneidade linguística e o preconceito existente perante a sociedade, serão minuciosamente debatidos nas próximas seções desse estudo, principalmente na seção 4.

### **3 NORMA CULTA E NORMA-PADRÃO**

Se tratando de sociologia da linguagem, um dos principais objetos de interesse é o conceito de norma, afinal de contas, a norma é acima de tudo, um construto teórico que surgiu do exame das relações sociais. No que se refere às questões linguísticas, este assunto abre margens para muitas discussões teóricas. Por esse motivo, esta pesquisa abordará os três tipos de normas existentes (a culta, a padrão e a norma gramatical), sendo essa subseção dedicada exclusivamente a este assunto. (LAGARES, BAGNO, 2011).

Na esfera da ciência linguística, Freire (2020) define norma como sendo um termo usado para constituir os fatos comuns e usuais da língua, recorrentes numa estabelecida comunidade de fala. Nesse sentido, esta palavra referindo-se ao agrupamento de hábitos linguísticos que caracterizam o modo como as pessoas habitualmente de uma comunidade utilizam a língua, incluindo os fenômenos de variação.

Existe uma duplicidade de sentidos registrada no dicionário relacionados a palavra norma, especialmente no discurso daqueles que falam sobre a língua, seja no campo investigativo científico ou na abordagem leiga da temática. Para dificultar ainda mais a situação, essa palavra quase nunca anda sozinha, vindo frequentemente acompanhada de algum qualificativo que tenta defini-la mais especificamente (BAGNO, 2012).

Castilho (2010) comenta em sua pesquisa, que anteriormente acreditava-se que a fala de indivíduos com mais alto grau de escolaridade distinguiam-se da chamada fala popular, estando mais próxima da tradição normativa. Entretanto, através de um apanhado de variadas pesquisas desenvolvidas a respeito das características do português brasileiro culto e popular, pode-se concluir que não existe uma categórica oposição entre fala culta e popular, na verdade, o que acaba ocorrendo em muitos casos é um compartilhamento de propriedades.

Um importante fato que frequentemente acontece destacado por Ramos e Soares (2015), é que segundo eles, precisa ser uma informação de domínio público, é a confusão existente no conceito de norma culta, padrão e até mesmo a norma gramatical, que, por muitas vezes, erroneamente consideradas sinônimas. Existem aqueles que acreditam que a norma padrão é aquela utilizada pelos grupos elitizados, com maior grau de instrução, e, portanto é a forma correta de falar, enquanto as outras variedades são insignificantes, por serem formas "erradas" de se falar o Português Brasileiro.

Desse modo, é importante compreender cada uma delas. Segundo FARACO (2008), Norma-padrão: constitui uma codificação abstrata, extraída de uma sincronia passada, que foi imposta como referência para regulação linguística. Norma gramatical, que perfaz as prescrições formuladas por gramáticos já com certa flexibilização a partir da segunda metade do século XX. Norma culta, que é representada pelos usos linguísticos reais dos falantes letrados.

Para uma melhor compreensão sobre do que se trata a norma culta e padrão, temos a seguir as definições de Guerra (2010), Bagno (2012), Ramos e Soares (2015), Oliveira e Castro (2017), Pedini (2018), Amorim e Santi (2019) e Freire (2020), distribuídas no quadro a seguir. De acordo com eles, para poder compreender as diferenças envolvendo essas normas, é necessário primeiramente levar em conta os contextos envolvidos, inclusive os históricos.

- Diferenciações sobre norma culta e norma-padrão.

Normas	Descrição
Norma Culta	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Essa norma está relacionada à variedade utilizada por aqueles que têm mais proximidade com a modalidade escrita, possuindo assim uma fala mais próxima das regras de tal modalidade. No Brasil, só é considerado falantes de norma culta, aquelas indivíduos formados no Ensino Superior, pertencentes desse modo, às camadas mais privilegiadas da sociedade;</li> <li>✓ Essa expressão “cultura” pode levar muitas a se equivocarem, achando que são cultos somente os que possuem cultura, sendo os demais considerados ignorantes de incultos. Essa idéia precisa urgentemente ser desconstruída;</li> <li>✓ O fato das variedades linguísticas faladas no português do Brasil envolver três aspectos (o rural-urbano, o da monitoração estilística, e o de oralidade-letramento), dá a entender que a norma culta pode ser classificada como sendo a variedade de uso corrente, comum, entre pessoas que residem em meio urbano, com escolaridade superior completa, em situações consideravelmente mais monitoradas;</li> <li>✓ Esta norma pode ser retratada como o conjunto de fenômenos linguísticos (morfológicos, fonológicos, lexicais e sintáticos), habitualmente manifestados por pessoas letradas em situações mais monitoradas de escrita e fala. Vale a pena ressaltar que essa norma apresenta variação, não sendo uniforme ou homogênea;</li> <li>✓ A norma culta brasileira falada assemelha-se bastante aos estilos mais monitorados da linguagem urbana comum, uma enorme surpresa para aqueles pesquisadores que acreditavam que essa norma se assemelhava à tradicional norma padrão. Eles imaginavam que os falantes cultos, nas situações mais monitoradas de comunicação, tinham uma variedade bem diferente da linguagem urbana comum, acreditando que nesta norma os falantes seguiam estritamente os preceitos da tradição gramatical normativa;</li> <li>✓ Nos últimos trinta anos, os estudos científicos realizados no Brasil revelaram existir uma grande diferença no que as pessoas em geral definem como sendo norma culta. Essa diferença reflete-se ainda na postura que o indivíduo assume diante dos fatos linguísticos. As pessoas normalmente usam essa expressão normativa como se fosse um pré-conceito, tentando encontrar em todas as manifestações linguísticas (faladas/escritas), esse ideal de linguagem e padrão pré-estabelecido que, como uma espécie de lei, todos teriam obrigação de respeitar e conhecer. Sendo virtualmente impossível encontrar na realidade da vida social esse modelo abstrato, os defensores dessa norma consideram que todas as pessoas, independente de sua classe social, praticamente falam “errado”.</li> <li>✓ Norma-Padrão Esta norma por outro lado, é aquela extremamente carregada de preconceitos em relação às demais variedades, tendo como objetivo a padronização da língua, considerando como errado tudo o que for diferente a ela. Foi estabelecida na Grécia Antiga, por volta do século III a.C., culminando então na elaboração da gramática tradicional;</li> </ul>

Norma-Padrão	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O intuito da padronização da língua era o de preservar as mudanças pelas quais o grego (mais tarde o Latim) estava enfrentando com o</li> <li>✓ passar do tempo, pelos lugares onde estava sendo utilizada. A escolha da “melhor” e “mais correta” forma de usar a língua recaiu sobre os textos de escritores antigos;</li> <li>✓ No Brasil, a norma-padrão surgiu no séc. XIX, com o intuito da língua ser unificada pelos letrados das mais altas camadas da sociedade. Eles viram a necessidade de unificar/homogeneizar a língua, combatendo assim as mudanças e as variações. Para isso, acabaram fazendo um caminho inverso, pois ao invés de se conhecer como era utilizada a língua pelos falantes mais estudados e a partir daí se estabelecer um padrão, eles acabaram concluindo que a norma seria criada a partir da língua que era utilizada em textos de escritores portugueses, ditando-se, desse modo, o idioma que seria “correto” para uso dos brasileiros;</li> <li>✓ O objetivo principal dessa norma é organizar e sintetizar as regras de funcionamento de uma língua, para nos ajudar a adquirir maior consciência de regras que já estão internalizadas em nossa fala cotidiana, desse modo poderemos desenvolver nosso vocabulário para poder lidar com diversificados ambientes que frequentamos;</li> <li>✓ A criação desta norma poderia ser vista como uma forma de amenizar os dialetos regionais, unificando assim a língua, no intuito de criar um instrumento político linguístico, representando um ideário de regulação linguística que remonta ao passado;</li> <li>✓ Buscou-se estabelecer na Europa (final do século XV) um padrão linguístico que pudesse servir de referência para àquelas sociedades marcadas por intensas diferenças dialetais, com o intuito de atender a projetos políticos de uniformização linguística como construção de uma identidade nacional, sendo essa a origem do conceito de norma-padrão. Ela foi fixada por meio de dicionários e gramáticas, constituindo-se como instrumentos descritivos e reguladores (normativos) do comportamento linguístico da sociedade;</li> <li>✓ A norma-padrão, diferente do que o próprio termo implica, não é um modo de falar ou uma das variedades linguísticas brasileiras, mais sim um abstrato construto histórico-social e cultural, utilizado como referência para que um processo de uniformização da língua possa ser promovido, uma espécie de modelo platônico do “ideal da língua a ser alcançado”;</li> <li>✓ No início da criação desse projeto no Brasil, ele acabou revelando-se ser um paradoxo: pois ao mesmo tempo em que buscava romper com o passado colonial, pretendia também ter uma maior aproximação com a cultura europeia, forjando uma nação branca, adotando padrões linguísticos da ex-metrópole. Como resultado, essa norma passou a excluir determinados usos linguísticos comuns entre os cultos brasileiros, prescrevendo outros artificiais, acentuando assim, a diferença entre as modalidades oral/escrita na variedade brasileira.</li> </ul>
--------------	--

**Fonte:** GUERRA (2010); BAGNO (2012); RAMOS, SOARES (2015); OLIVEIRA, CASTRO (2017); PEDINI (2018); AMORIM, SANTI (2019); FREIRE (2020).

Como fora apresentado no quadro anterior, existe grandes diferença entre norma culta e padrão, pois nossa língua está sujeita a variações, estipulada conforme o contexto (sociocultural histórico ou geográfico). Lamentavelmente, nossa sociedade preconceituosa acaba instruindo as escolas para ensinar a norma padrão da língua como sendo a exclusiva e forma de comunicação. É bem verdade que esta norma padrão deve ser ensinada nas escolas, o que não deve existir é o preconceito em relação às outras variantes da língua. No nosso cotidiano, vemos uma grande maioria de pessoas serem excluídas e até marginalizadas por falarem o português considerado “feio”, que não obedece às regras da gramática normativa (JESUS et. al. 2010).

Cada comunidade ou classe constitutiva de uma sociedade estabelecida apresenta maneiras particulares de si expressar, com o uso particular da língua. Os usos populares ou cultos são o resultado disso, formando a tão conhecida “variedade linguística”. Mesmo com a existência de normas que possam tentar padronizar a utilização da língua, o surgimento das diversidades são inevitáveis. Heterogeneidades regionais, sociais, históricas e situacionais são designações que explicam os diferentes fatores motivadores dessas diferenças:

Falantes de regiões e classes sociais distintas, provavelmente, usarão em seus cotidianos expressões diferenciadas, tendo em vista a influência dos hábitos, costumes e tradições de seus contextos. Assim também acontece com pessoas de diferentes tempos, ou em diferentes situações, em que são motivadas a utilizar estruturas linguísticas diversas. A união desses fatores faz com que a língua se torne um sistema múltiplo, rico e complexo. [...] Uma língua é constituída por um conjunto de variedades e não podemos defini-la como sendo apenas uma unidade da linguagem, pois ela é mais do que isso, ela é também uma entidade cultural e política, rica em sua pluralidade de possibilidades (OLIVEIRA, CASTRO, 2017. p. 13).

Segundo o IBGE o Brasil é o quinto maior país em extensão territorial, sendo assim, era de se esperar a presença de uma ampla variedade linguística, afinal de contas, cada falante ajusta a sua linguagem de forma diferenciada, devido posição geográfica, dentre outras influências. Não se pode negar que essa diversidade da língua é um patrimônio cultural nacional, e o simples fato dessas heterogeneidades serem desconhecidas, isso não nos dá o direito de afirmar que elas estão erradas, caso venhamos seguir essa linha de raciocínio, estaremos cometendo o tão conhecido “preconceito linguístico”. A seguir, na próxima seção, o autor desta

pesquisa buscou enfatizar pormenorizadamente esse importante tema (PEDINI, 2018).

#### **4. OS EFEITOS NEGATIVOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Como já fora mencionado anteriormente, existe uma vasta diversificação do português falado no Brasil. No entanto, o verdadeiro abismo linguístico está diretamente relacionado às diferenças de *status* social em nosso país, entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro (praticamente a maior parte da população) e aqueles da variedade culta (a língua ensinada nas escolas) (ANDRADE, SANTANA, RIBEIRO, 2012).

Vimos nas seções anteriores o surgimento do preconceito linguístico. Aqui neste tópico serão abordados os efeitos negativos dessa ação na sociedade e algumas formas de desconstruí-lo. É apresentada por Ramos e Soares (2015), que o preconceito linguístico é a deliberação depreciativa ou negativa de qualquer variação linguística que seja natural de comunidades desprestigiadas socialmente.

O perigo do preconceito reside justamente no julgamento negativo sobre algo ou alguma pessoa, simplesmente porque não compreendemos. É muito comum de observarmos na sociedade, ideias infundadas motivarem ações que irão atingir as mais diversificadas instâncias e níveis sociais, ferindo assim os direitos dos cidadãos, e princípios como os da pluralidade e diferença (OLIVEIRA, CASTRO, 2017; ARAÚJO et. al., 2020).

Este é um assunto tão importante e necessário de ser debatido, especialmente nos dias atuais, pois a língua com todos os seus processos sociais precisam ser compreendidos. E essa compreensão a respeito do preconceito linguístico torna-se necessário para que ele possa ser combatido, sendo essa uma tarefa nada fácil, por isso a relevância dessa temática ser abordada (TARANTO, 2016).

##### **4.1 Preconceito linguístico X preconceito social: a heterogeneidade linguística como fator de exclusão social**

O sistema linguístico brasileiro é um bem que nos confirma identidade, permitindo interação, troca e complexas relações. No entanto, a exigência de regras

para a realização desse sistema, tem delimitado o seu ensino à visão das regras ortográficas e normativa das gramáticas, não atentando aos demais eventos que lhe competem. Nesse caso, aquilo que deveria ser democrático passou a ser modelo de exclusão para aqueles que por motivos sociais, não dominam as normas (ANDRADE et. al. 2012; OLIVEIRA, CASTRO, 2017).

Quando alguém critica a escrita ou fala de uma determinada pessoa, este não somente passa a censurar sua pronúncia ou ortografia, mas também começa a discriminar a história dessa pessoa e a sua formação. Nesse sentido, entende-se que tal preconceito, e a exclusão realizada por ele, dizem respeito a uma questão social:

O uso que cada falante faz da língua está estritamente relacionado ao seu contexto, ao seu nível de escolaridade, às suas condições socioeconômicas e outros aspectos. Não são todas as classes que possuem acesso à educação de forma plena. Nem todos os falantes possuem o mesmo nível de formação e possibilidade de letramento. Existem desigualdades sociais que impedem possibilidades justas e iguais de formação e, certamente, os efeitos disso serão mais duros para as classes mais carentes, conseqüentemente menos instruídas (OLIVEIRA, CASTRO, 2017. p. 28).

Desta forma, é totalmente incorreto alegar que um sujeito é analfabeto ou não sabe o português, simplesmente porque ele fala diferente. O que pode ser considerado, de acordo com Andrade, Santana e Ribeiro (2012), é que determinada pessoa conhece somente uma parte da língua que se fala, não dominando a norma culta, porém, isso não deveria prejudicar o seu convívio com a comunidade.

Cabral e Marques (2019) explanam que vivemos em uma sociedade completamente preconceituosa, sejam em relação à raça, ao gênero, grupos etários, *status* socioeconômico, religião e escolarização. Esse fatídico fato é manifestado e ocasionado pelas pronúncias de determinadas palavras. Desse modo, vale destacar que este preconceito, acaba colocando outra pessoa em situações constrangedoras.

Uma postura ou ideia pré-concebida constituída de certa alienação por ser formada antecipadamente, de forma banal, contrária a tudo que foge dos padrões estabelecidos por uma sociedade. E essa série de conceitos infundados culminaria no que nós chamamos de “discriminação”, que, consistiria no tratamento desfavorável dado arbitrariamente a certas categorias de pessoas ou grupos, que pode ser exercido de forma individual ou coletiva (TARANTO, 2016. p. 7).

Segundo Berlim (2020), apesar de variadas formas de preconceito serem fortemente combatidas na atualidade, este tipo de combate parece não se estender ao aspecto linguístico. O autor observa que diariamente essa forma de preconceito parece ser alimentada pela mídia (programas de rádio e tv), pelos jornais, livros, manuais, revistas, e até colunas que pretendem ensinar o que é seria “certo e errado” envolvendo o “falar”.

É destacado nas pesquisas de Etto e Carlos (2017) que o preconceito linguístico baseia-se na crença de que existe somente uma única língua portuguesa, sendo somente esta digna de ser aceita pela sociedade, explicada nas gramáticas normativas através do ensino escolar e catalogada nos dicionários. Sob a ótica do preconceito linguístico, qualquer outra manifestação linguística que fuja desse triângulo “escola-gramática-dicionário” é automaticamente considerada, errada, estropiada, feia e rudimentar. Bagno (2017).

Oliveira e Castro (2017) apontam que o preconceito linguístico está comumente relacionado às classes socialmente desfavorecidas, estando ligado em boa medida, à confusão que foi criada no curso da história, entre língua e gramática normativa. Como consequência, as pessoas acabam fazendo julgamentos desrespeitosos e depreciativos, humilhando a fala do outro, por achar que essa não seria a maneira correta de se expressar verbalmente. Essa confusão precisa ser desfeita, pois a não compreensão dos mecanismos envolvendo os falantes e o sistema linguístico, cria espaço para visões errôneas e, conseqüentemente, julgamentos preconceituosos.

Os brasileiros urbanos letrados não só discrimina o modo de falar dos seus compatriotas analfabetos, semi-analfabetas, pobres, da zona rural e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar. Tal fator ocorre porque ainda existe o mito de que, em algumas determinadas regiões brasileiras, os moradores falam o português correto, gerenciadas pelas pessoas de maior poder aquisitivo, com que tiveram boa escolarização, ou seja, os determinados pela sociedade, dominantes. O preconceito dá-se porque as pessoas não têm o conhecimento adequado dos fenômenos ocorrentes na língua, alegam que os usuários de expressões são analfabetos. Deste modo, acham a fala “feia”, “pobre”, sendo assim, não sabem agir diante de alguma fala pronunciada (GABRAL, MARQUES, 2019. p. 15).

Etos e Carlos (2017) afirmam existir uma falsa ideia de liberdade de expressão, pois a independência de uso da linguagem é circunscrita, devido ao fato de ser a língua um fenômeno social. É mencionado ainda pelos autores, que em

uma sociedade de classes, um dos maiores preconceitos é aquele que se estabelece no uso da linguagem, reforçando a ideia de que uma variação linguística pressupõe valor social, ou seja, variantes utilizadas por pessoas de estratos mais baixos da população são em sua maioria estigmatizadas; todavia, à medida que essas variantes passam a ser utilizadas por outros grupos, o estigma vai decaindo até não existir mais, passando a ser aceita pela classe dominante.

Esse tipo de preconceito é considerado por Silva (2014) como um preconceito social. Ainda é apresentado pelo autor, que sua origem vem sendo acompanhado por pesquisadores há bastante tempo. É elucidado por Ramos e Soares (2015) que a injustiça social tem sido praticada por muitos, e isso tem acontecido em nome da “boa língua”, onde muitos acabam sendo humilhados e até excluídos, por não dominarem plenamente um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor.

A injustiça social é um fator determinante para a exclusão, pois dela advém todos os outros males que assola a sociedade carente tirando as oportunidades dos menos favorecidos economicamente de conseguir um nível de escolaridade mais elevado. A má distribuição de renda, a falta de compromisso dos governantes em garantir educação, saúde e moradia de boa qualidade aos de classe social inferior, contribui de alguma forma para os mesmos serem marginalizados e excluídos de um universo que está sob o domínio de poucos, ou seja, dos que detêm uma boa situação econômica e consequentemente um bom nível de escolaridade (JESUS et al., 2010. p. 10).

Muitos equivocadamente idealizam que o domínio da norma é uma espécie de instrumento de ascensão social, sendo este um fato que acaba tocando em sérias questões sociais. O preconceito linguístico pode ser considerado com um círculo vicioso, contendo três elementos básicos, segundo é apresentado nos estudos de Andrade, Santana e Ribeiro (2012): os livros didáticos, o ensino e a gramática tradicional, onde um acaba dependendo do outro: A gramática induz a prática de ensino, que acaba provocando o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.

Por muitas vezes as classes dominantes - com maior escolarização e melhores condições de letramento - acabam sendo prestigiadas, por conseguirem dominar o "português culto"; enquanto as classes menos favorecidas - com condições de ensino diferentes - apresentam uma linguagem desprestigiada e

estigmatizada, por ser considerada comumente popular. Neste cenário, Oliveira e Castro (2017) apontam que muitas questões estão envolvidas dentro do preconceito linguístico, e no que se refere aos efeitos causadores. É bem verdade que tal prática gere algum tipo de exclusão, inclusive ofensas e ações preconceituosas. Ao se abordar essa temática, deve-se levar em consideração a "autoestima linguística" do falante.

#### **4.2 Desconstruindo o preconceito linguístico**

É descrito por Andrade, Santana e Ribeiro (2012) a existência de uma crise no ensino da Língua Portuguesa, gerada pela censura dos defensores da gramática tradicional, que se recusam em acompanhar os avanços da ciência da linguagem. Faz-se necessário uma mudança urgente de atitude para que esse cenário possa ser alterado, pois essa ideia de “certo e errado” só tende a gerar preconceito. No entanto, é preciso haver maiores reflexões a respeito de um ensino mais consciente e menos discriminatório, sendo a conscientização de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, extremamente importante.

Os mesmos autores ainda pontuam a existência de gramáticas diversificadas para as variedades de português, fato esse que acaba sendo desconhecido para alguns, que erroneamente alegam existir “erros de português”. Outro ponto que merece ser destacado é a questão de que tudo o que os conservadores gramáticos consideram “erro”, na verdade é um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Toda língua tende a mudar/variá-lo ao longo do tempo, por exemplo, o que hoje é tido como certo já foi visto como errado no passado, e pode voltar a ser visto como erro novamente no futuro linguístico (ANDRADE et. al. 2012).

O que poderia favorecer o entendimento sobre a origem e uso das variações linguísticas é a compreensão da relação existente entre língua e fatores sociais. Desse modo, pode haver uma desconstrução de preconceitos e uma mudança de postura em relação à predominância de uma política monolíngue, que tende a pregar o uso da norma padrão, podendo contribuir para a criação de políticas linguísticas futuras que considerem dois importantes acontecimentos: (1) o caráter

pluricultural e multilíngue da sociedade atual; e (2) a coexistência entre normas padrão/culta e variantes linguísticas (ETTO, CARLOS, 2017).

Ramo e Soares (2015) alegam ser possível combater o preconceito linguístico, mais para isso é necessário que as pesquisas sociolinguísticas estejam mais presentes em salas de aula, sendo esse um importante tema a ser discutido entre os alunos (variação linguística), não de maneira superficial, mas que realmente os alunos sejam levados a refletir de um modo que se conscientizem para a existência e legitimidade de outros falares.

## **5 O USO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Nesta penúltima seção serão apresentados os achados literários a respeito de como a sociolinguística pode combater o preconceito linguístico. Somente cinco obras foram selecionadas para a discussão deste tópico, e isso nos mostra a carência de estudos abordando essa temática. Toda esta seção foi percorrida por: Alves et. al. (2012), Rique e Silva (2012), Santana e Neves (2015), Oliveira e Castro (2017), Araujo et. al. (2020).

Inicialmente, Alves, Lima e Sampaio (2012) mais uma vez discorrem aqui sobre o objeto de estudo da Sociolinguística e as variedades linguísticas portuguesas presentes na comunidade (exemplos: variedade nordestina, paulista e carioca), que constituem o que a Sociolinguística chama de repertório verbal. Os pesquisadores destacam que a Sociolinguística defende a língua com as suas variações, sendo ambas inseparáveis. Eles destacam ainda que a diversidade linguística não é um problema social nacional, mas sim uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Em relação aos aspectos sociais, os autores Santana e Neves (2015) destacam que alguns fatores são determinantes nesse processo, como o sexo, idade, classe, contexto e/ou situação social. É neste momento que o conhecimento da sociolinguística como ciência torna-se tão importante, pois ela estuda a língua falada dentro de um contexto social, buscando entender como esse fenômeno ocorre em nosso cotidiano linguístico. Desse modo, é frisado por Araujo, Ribeiro e Rezende (2020) que a sociolinguística ao invés de trabalhar com noções de certo e

errado, propõe a adoção das noções de adequabilidade e inadequabilidade de acordo com cada contexto.

Santana e Neves (2015) deixam evidentes em seus achados, que a sociedade precisar compreender que o monolinguismo nada mais é do que um sonho irrealizável por falantes de qualquer idioma. A Língua Portuguesa é repleta de variações, sendo esse um fato normal (se tratando de um idioma falado por mais de 293 milhões de pessoas mundialmente). Alves et. al. (2012), dando continuidade a essa declaração, alegam que o preconceito linguístico, assunto esse que é predominante na sociedade brasileira, deve ser combatido. Esse tipo de preconceito infelizmente acabou surgindo devido a presença de muitos mitos sobre o que é certo e errado na língua falada, sendo sustentado até hoje pelas classes dominantes.

De acordo com o que é apresentado nas pesquisas de Oliveira e Castro (2017), o ser humano precisa mergulhar nos conhecimentos linguísticos para poder ter novos olhares, a respeito da língua e suas diversidades, já que a mesma é um organismo dinâmico, vivo e político. Dentro dessa complexidade apresentada pelos autores, o preconceito possui tanto um lado negativo quanto positivo, sendo esse relacionado ao que nos faz investigar as pré concepções estabelecidas a respeito de algo, desmanchando aquelas que não são fundamentadas. O preconceito linguístico pode sim ser combatido, por meio da atribuição de conhecimentos acerca do uso que realmente se faz da língua, dentro do ensino.

Apesar de ser uma ciência com informações importantes, lamentavelmente uma pequena parcela populacional conhece a Linguística, e essa falta de informações é uma contribuição poderosa para o prolongamento do preconceito linguístico. Se os usuários de uma língua desconhecem definições como as que foram apresentadas ao longo deste trabalho, acaba desconhecendo também os fenômenos linguísticos, inclusive a existência do próprio preconceito, por esse motivo, muitos acabam praticando tal ato sem ao menos ter conhecimento de suas atitudes discriminatórias relacionados à língua (OLIVEIRA, CASTRO, 2017).

Uma questão pertinente levantada por Oliveira e Castro (2017) diz respeito ao ensino da língua como ponto inicial para combater o preconceito linguístico, pois a forma como a língua é abordada no ensino regular, muitas vezes, potencializa as normas, não permitindo um olhar mais abrangente do aluno sobre aquilo do qual ele mesmo faz parte ou utiliza. Durante anos de escolarização, os alunos são ensinados

a respeitar e decorar regras que indicam o certo e errado, apesar de na maioria das vezes eles mesmos não compreenderem, mais ainda assim, são encorajados a estudá-las com a certeza de que se souberem falar e escrever corretamente provarão o quanto são inteligentes e se tornarão pessoas bem-sucedidas e até prestigiadas socialmente. Sendo assim, é bem verdade que o ensino é um importante método de desconstrução de preconceitos. Quanto mais pessoas conhecerem a Linguística com suas vertentes mais o preconceito será desmistificado.

A existência do preconceito linguístico está relacionada não apenas a falta de informação ou exploração sobre este assunto. Existe uma gama de outros fatores por de trás da sua existência, pois quando se fala de “língua”, estamos nos referindo a um organismo que tem o seu lado social, sendo produto de seres políticos:

Diante dessa realidade, não só é feita a elevação do “saber falar/escrever” de acordo com a gramática normativa, mas, igualmente, a exclusão do falar/escrever distinto às normas. Os falantes desse último caso são excluídos tanto das instituições de poder, quanto estigmatizados nas relações sociais. Daí, a relação com a temática do “preconceito linguístico”, que aparece como uma forma de concretizar essas relações de exclusão, por meio da língua, e evidenciar as distinções “língua culta x língua coloquial”, “falante culto (privilegiado) x falante estigmatizado” (OLIVEIRA, CASTRO, 2017. p. 17).

O homem faz da língua uma ferramenta de comunicação, para se relacionar com os outros dentro de uma sociedade. Se a língua faz parte de uma sociedade, ela acaba por se envolver com as relações sociais ali presentes. E, se vivemos em uma sociedade com relações complexas, onde existe uma classe dominante e uma classe dominada é provável que exista uma “língua de domínio”, prestigiada, e uma “língua excluída”. A linguagem revela conflitos de classes e esse seu aspecto merece atenção. Desse modo, é importante nos atentarmos aos efeitos da prática preconceituosa, no intuito de poder tratá-la, mas levando em consideração todos os fatores que existem por de trás dela e entendendo que tal tratamento não consiste em tarefa fácil (OLIVEIRA, CASTRO, 2017).

Oliveira e Castro (2017) notam a importância das contribuições de se estudar a Sociolinguística, sendo ainda mais importante colocar tais conhecimentos em prática, para compreender o funcionamento do nosso sistema linguístico, sistema esse que faz parte da nossa formação, das nossas relações e identidades. Os estudiosos empenham-se bastante para que a nossa língua seja compreendida em sua pluralidade, sem mitos, e para que esta não seja utilizada, sobretudo, como ferramenta de exclusão.

Rique e Silva (2012) complementam que combater esse preconceito no nosso dia a dia é de suma importância, pois devemos entender que, independentemente do sujeito ter domínio ou não da língua padrão, seu poder comunicativo ainda existe e precisa somente de adequações. Ele é sim um falante competente de sua língua materna e precisa ser direcionado às habilidades dos contextos e situações de uso da mesma. É preciso conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso, ele sabe essa língua. Portanto, o conhecimento do falante sobre sua língua é inerente a sua própria vivência em sociedade. O erro, conceito muito utilizado para chamar atenção sobre os desvios do uso da norma padrão, é mais uma forma de punir ou excluir o falante que não segue o padrão linguístico preestabelecido pela classe dominante.

As discrepâncias linguísticas que distinguem a fala das pessoas nem sempre são aceitas como parte integrante dos processos culturais. Eis aqui o grande desafio que deve ser enfrentado: o comportamento preconceituoso da sociedade em geral, que rotulam seus educandos pelas maneiras diferentes de falar, com preferência em adotar os termos de “certo e errado”, em uma falsa visão de realidade. Mesmo a norma culta sendo a mais usada na escola, não pode descartar as variações existentes em nossa língua como recurso fundamental para o desenvolvimento da linguagem, já que estas são portadoras de riquezas e de cultura de nosso país (SOUSA, PEREIRA, 2016).

## **6. VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS NA LINGUA PORTUGUESA DO BRASIL**

Nesta última seção, serão expostos a respeito das variações diastráticas presentes na língua portuguesa. Alguns autores acabaram fazendo uma breve relação sobre esse tipo de variação e o preconceito linguístico existente perante a sociedade brasileira. Por meio da pesquisa literária observou-se pouca quantidade de publicações abordando essa temática em questão, no entanto, os poucos materiais que foram selecionadas – comentados por três autores diferentes (ARAGÃO, 2010; SANTOS et. al. 2013; SOUSA E PEREIRA, 2016) - expõem essa questão de um modo bem reflexivo, corroborando com informações apontadas durante todo o trabalho, levantando ainda alguns pontos novos:

✓ **Aragão (2010):**

1. Segundo a autora em questão, no Brasil, e especificamente na região nordestina, as metodologias utilizadas para o ensino-aprendizagem da língua infelizmente não tem levado em consideração as variações linguísticas, sejam elas diatópicas (nível regional) ou diastráticas (nível social). Devido aos estigmas e os preconceitos envolvendo essas variações, muitos acabam considerando-as desprestigiadas e erradas, e como consequência elas são evitadas ou até banidas dos livros didáticos e das salas de aula;
2. Torna-se uma tarefa extremamente urgente e importante descrever a língua portuguesa com suas variações diastráticas e diatópicas, em seus mais variados níveis de análise linguística (do fonético-fonológico ao léxico, morfossintático e semântico). Somente desse modo, conforme aponta a autora, será possível ter no país um retrato fiel da língua portuguesa falada ou escrita. Afinal de contas, não pode existir um dialeto social sem o regional, uma vez que todos os falantes têm uma experiência social, bem como, uma localização regional;
3. Para finalizar, ele destaca que a desigualdade social é uma consequência da desigualdade linguística, já que a língua é um dos fatores mais significantes, mediante os quais a desigualdade se perpetua de geração a geração.

✓ **Santos, Santana e Santana (2013):**

1. Estes afirmam que a variação linguística pode ocorrer nos patamares diatópicos e diastráticos, sendo que o primeiro apresenta alternâncias regionais, enquanto o segundo considera os padrões sociais. Desse modo, tradicionalmente, concebe-se uma ecologia linguística do ponto de vista horizontal com a constituição de comunidades geográficas com base em mercados regionais; e do ponto de vista vertical, com a geração de padrões por meio de indicadores sociais;
2. Os autores ainda consideram a heterogeneidade da língua, como sendo uma característica do estudo sociolinguístico, apresentando padrões de variedades: “falar regional”, “padrão culto” e “padrão popular”. Percebe-se, desse modo, que deve ser levado em conta tanto

os traços descontínuos, identificados nos polos rural/urbano, quanto os recursos comunicativos próprios de discursos monitoradores e não monitoradores;

3. A variabilidade da língua tem perpassado pelos múltiplos falares derivados de aspectos linguísticos, marcados por fatores internos e externos, abrangendo traços sociais e culturais. Desta forma, qualquer que seja o eixo (diatópico, diastrático ou de outra ordem), a variação é sempre contínua e por hipótese alguma é possível demarcar de forma nítida as fronteiras em que ela ocorre.

✓ **Sousa e Pereira (2016)**

1. A variação linguística de uma maneira geral pode ser compreendida no parâmetro diastrático, tendo relação direta com a identidade dos sujeitos que falam priorizando a organização cultural e social destes indivíduos. Ela é conhecida como diastrática, com ênfase na idade, sexo e situação social. Compreende-se desse modo que as diversas situações da fala são observadas nos mais diferentes tipos de linguagem que usamos;
2. Cada comunidade possui estruturas sociopolíticas, e nessas estruturas é possível observar as relações sociais existentes entre variedade linguística e estrutura social. Portanto, dentro da vida social encontramos certas hierarquias que define a ordem dos grupos sociais, isto é, a variedade linguística em uso. Desse modo, existem certas variedades que são consideradas superiores as outras;
3. Como já fora anteriormente mencionado ao longo deste trabalho, mas ainda assim fora destacado por estes autores, mais uma vez é argumentado que não existe nenhuma língua é inferior ou primitiva na linguística, pois todas são adequadas, sendo um meio para representar o mundo físico e simbólico em que as pessoas vivem. É possível ainda se fazer empréstimos linguísticos no contato cultural com outros povos, na formação de novas palavras ou de novos conceitos. Nesta perspectiva, é lembrado pelos pesquisadores que toda língua é heterogênea e as variedades existentes são frutos históricos e presentes;

4. É bem comum para aqueles que discorrem sobre a heterogeneidade linguística, considerarem o linguajar das pessoas que vivem em zonas rurais - ou seja, as variedades da língua que utilizam – como sendo feio. Esse preconceito linguístico causa um imenso impacto negativo, especialmente devido à intolerância existente diante de uma palavra inadequada e de uma concordância verbal não realizada. Para os estudiosos, nenhum tipo de variação pode ser rejeitar, pois conforme o senso comum existe um código (língua) que é adquirida de forma diferente por cada falante;
5. Estes autores, em concordância com o que já fora mencionado ao longo deste trabalho, compreendem que as pessoas de modo geral falam variados dialetos, que são usados segundo as circunstâncias. Sendo possível afirmar que a variação linguística está presente nas diferentes situações e lugares em que os falantes estão inseridos. É através dessa prática social (a conversa), que as pessoas se expressam, tornando-se seres sociais que se relacionam com outros sujeitos. Desse modo conseguem realizar seus propósitos, por meio da conversação que, por sua vez, apresenta múltiplas variações linguísticas. Nesse entendimento, percebe-se que a língua adquire as características das comunidades que fazem uso dela, agregando também valores culturais e históricos;

## 7 CONCLUSÃO

Conclui-se com este trabalho que a língua portuguesa é um traço cultural comum a todos (seja o falante brasileiro ou não), e que nesta língua existem inúmeras variações que muitas vezes são vistas de forma preconceituosa por uma grande quantidade de pessoas, sendo então necessário mostrar a existência de um enorme preconceito linguístico (em especial por parte de gramáticos tradicionais) tanto em relação à língua portuguesa falada, quanto em relação àqueles que falam. Nesse contexto, surgem alguns mitos que lamentavelmente afetando diretamente os indivíduos que possuem um linguajar diferenciado. Esses mitos declaram que esses falantes são sem instrução e por isso acabam falando errado.

As existências de variações da língua não são o problema aqui, pois essa heterogeneidade traz características que contribuem para a pluralidade cultural nacional. É através delas que é possível se expressar de diversas formas, e ainda podem ser aplicadas em diversos contextos sociais. O real problema destacado durante a pesquisa é a existência do preconceito linguístico, por esse motivo, os profissionais (educadores e sociólogos) devem ser os primeiros interessados em combatê-lo. Os alunos precisam compreender que não existe apenas uma variedade de pessoas diferentes, mas que as falas também podem ser diversificadas.

A língua falada precisa ser respeitada, sendo essa temática deveras debatida (especialmente na área de Letras), representando um grande desafio social que deve ser abordado e destacado no ensino, assim como os outros tipos de preconceito. Entretanto, por muitas vezes sua presença passa despercebida perante alguns da sociedade, enquanto sua prática, por outro lado, infelizmente continua sendo frequente.

A língua nos constitui enquanto seres humanos, e é a partir dela que enxergamos e definimos o mundo. Um dos grandes problemas encontrados no Brasil diz respeito a situação social, ou seja, constante presença de injustiças, desigualdades e exclusões. Constatou-se no decorrer deste trabalho que este não é somente um problema político, pois também está relacionado a questão de “respeitar a variedade linguística de uma pessoa”, desse modo, respeitaremos a integridade espiritual e física do sujeito, que como ser humano é totalmente digno de educação.

Após aprendermos um pouco mais sobre os conceitos da Teoria da Variação, é importante que na prática do ensino e aprendizagem a Sociolinguística seja ministrada com a mesma relevância que se dá às demais disciplinas. Isso permitirá que os futuros professores que estão em formação tenham familiaridade com os esses importantes conceitos, permitindo a incorporação desses pressupostos teóricos e metodológicos ao pensamento linguístico atual, contribuindo assim para que esses conhecimentos sejam postos em prática quando iniciarem sua carreira docente.

Deve-se levar em conta a dinamicidade e a evolução presente em todas as línguas que permitem uma gama de possibilidades aos falantes. Portanto, fica evidente a necessidade de se desfazer dos comportamentos discriminatórios e preconceituosos se tratando do uso da língua, sendo as consequências destes, nocivas à cultura brasileira e ao ensino de qualidade. É importante compreendermos que ao se tratar de norma culta e padrão, não significa necessariamente dizer que se deve escrever como se fala, e sim, escrever de acordo com os diversos contextos sociais relacionados aos variados usos da língua.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tania Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2004
- ALVES, Joseilson Jales.; LIMA, Maria Graceli de.; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **A abordagem da variação linguística no livro didático de língua portuguesa**. 2012. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/d3664e2f864ddde371ada5a36ed30434\\_977.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/d3664e2f864ddde371ada5a36ed30434_977.pdf)> Acesso em: 21.05.2022
- ALVES, Maria Adriana Leite. **A sociolinguística e as narrativas populares: uma análise da variação linguística**. 2016. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/15>> Acesso em: 19.05.2022
- AMORIM, Lauro Maia.;SANTI, Bianca Trindade di. Norma padrão, norma culta e hibridismo linguístico em traduções de artigos do New York Times. **Cad. Trad., Florianópolis**: vol. 39; nº 3; p. 111-131; set-dez; 2019.
- ANDRADE,GlíciaKelline Santos.; SANTANA, Isabela Marília.; RIBEIRO, Jaqueline Santos.**O preconceito linguístico: discriminação social ou linguística?**. Sergipe: Vi Colóquio Internacional:guerra educação e contemporaneidade; setembro; 2012.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes diatópicas e diastráticas Na língua portuguesa do Brasil. **Rev. Graphos**: João Pessoa; vol. 12;nº 2; Dez; 2010.
- ARAUJO,Susana Menezes.; RIBEIRO,Ormezinda Maria.; REZENDE, Renato Cabral. **A variação linguística e o preconceito linguístico no ensino médio: relações de hierarquização pela linguagem em uma escola pública de Ceilândia – DF**. Universidade de Brasília: Mestrado em linguística; Dissertação; p. 192. 2020
- BAGNO. Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO. Marcos.**Norma linguística, hibridismo & tradução**. 2012. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO\\_NormaLinguisticaHibridismo.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10546/1/ARTIGO_NormaLinguisticaHibridismo.pdf)> Acesso em: <20.05.2022
- BERALDO, Jairo. **Variações linguísticas**. 2022. Disponível em: <[https://www.preparaenem.com/portugues/variacoes-linguisticas.htm#:~:text=As%20varia%C3%A7%C3%B5es%20\(variantes%20ou%20variedades,ou%20grupo%20social%20insere%2Dse.>](https://www.preparaenem.com/portugues/variacoes-linguisticas.htm#:~:text=As%20varia%C3%A7%C3%B5es%20(variantes%20ou%20variedades,ou%20grupo%20social%20insere%2Dse.>)> Acesso em: 08.03.2022
- BERLIM, Juliana. **Variação linguística – breve introdução**. 2020. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/blog/engenhonovo2/files/2020/06/3%C2%AA-S%C3%89RIE->

ENS.MED\_.-Varia%C3%A7%C3%A3o-linguistica\_teorias.pdf> Acesso em: 19.05.2022

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CABRAL, Edjane Pereira.; MARQUES, Larissa Gabrielle Lucena. **A manifestação da heterogeneidade linguística no contexto escolar**. Pernambuco: 2019. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20689/1/PDF%20-%20Edjane%20Pereira%20Cabral.pdf>> Acesso em: 21.05.2022

CASTILHO, Ataliba de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

CAZAROTTI, Mauro Lúcio Batista.; MIRANDA, Aldiane Rodrigues. A contribuição da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. **Rev. Eletrônica Acervo Científico**: Vol. 2; p. 1-7; 2019.

CEZARIO, Maria Maura.; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Izete Leimkuh.; GÖRSKI, Edair Maria.; MAY, Guilherme Henrique.; SOUZA, Chistiane Maria Nunes de (Orgs.) **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

ETTO, Rodrigo Mazer.; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Rev. Anhanguera**: Goiânia; vol.18; nº 1; jan/dez; p. 15-24; 2017

FREIRE, Gilson Costa. Norma-padrão, norma gramatical e norma culta no Brasil: convergências, divergências e implicações para o ensino da escrita. **Rev. (Con)Textos Linguísticos**: Vitória; vol. 14; nº 29; p. 659-680; 2020.

GUERRA, Pollianny Nazaré de Moraes. **Norma culta e norma-padrão**: desfazendo os sinônimos. 2010. Disponível em: <<https://www.faminasbh.edu.br/upload/downloads/201112061824034532.pdf>> Acesso em: 20.05.2022

JESUS, Elis Raquel Santos de.; SANTOS, Maria do Carmo de Pina Dantas.; MEIRELLES, Cláudia de Souza Cardoso. **As variações linguísticas como fator determinante das classes sociais**. 2010. Disponível em: <<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2167/AS%20VARIAC%C3%A7%C3%A3o%20LINGU%C3%A9STICAS%20COMO%20FATOR%20DETERMINANTE%20DAS%20CLASSES%20SOCIAIS%20%28UNIT-SE%29.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21.05.2022

LAGARES, Xoán Carlos.; BAGNO, Marcos. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: **Editora Contexto**, 2004.

OLIVEIRA, Rafaela Monteiro de.; CASTRO, Jane Adriana de. **Preconceito linguístico: a discriminação linguística no ambiente virtual.** Brasília: Universidade de Brasília – UnB; 2017.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. **Rev. de Letras:** Curitiba; vol. 19; nº 25; p. 01-18; jan./jun; 2017.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Rev. Ecos:** vol.21; Ano 13; nº 02; 2016.

PEDINI, Íris Marinelli. **Qual a diferença entre norma culta e norma-padrão?**. 2018. Disponível em: <<https://webinsider.com.br/norma-culta-e-norma-padrao/>> Acesso em: <20.05.2022

RAMOS, Ana Adelina Lôpo.; SOARES, Smênia Vasconcelos. **Abordagem de Variação Linguística nos livros didáticos de PLE.** 2015. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15612/1/2016\\_SmeniaVasconcelosSoares\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15612/1/2016_SmeniaVasconcelosSoares_tcc.pdf)> Acesso em: 19.05.2022

RIQUE, Itamara Jamilly.; SILVA, Rosângela Neres. **Preconceito linguístico: sociedade, escola e o ensino de português.** Pernambuco: 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1503/1/PDF%20-%20Itamara%20Jamilly%20Cavalcante%20Rique.pdf>> Acesso em: 21.05.2022

SALOMÃO, AnaCristinaBiondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Rev. Fórum Linguístico;** mvol. 8; nº 02; 2011

SANTANA Jessé Ovídio de.; NEVES, Maria do Bom Parto Ferreira das. AS. Variações linguísticas e suas implicações na prática docente. **Rev. Millenium:** vol. 48; jan/jun; p. 75-93; 2015.

SANTOS, Lanuza Lima.; Dante Lucchesi. **A ordem verbo-sujeito: Uma análise sociolinguística da fala popular do interior do estado da Bahia.** Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística; Dissertação; p. 129; 2010.

SANTOS, Samuel.; SANTANA, Joice Lima.; SANTANA, André Luiz Ferreira. **A variação linguística e o preconceito linguístico no âmbito escolar.** 2013. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1238>> Acesso em: 21.05.2022

SAUSSURE, Ferdinando de. Curso de linguística geral. São Paulo: **Cultrix**, 2006.

SILVA, Altemar Gonçalves da. **Preconceito linguístico: um panorama histórico do latim ao português Brasileiro.** Brasília: monografia; licenciatura em Letras português e Respectiva Literatura; Instituto de Letras; p. 34; 2014.

SOUZA, Francisca Ferreira de.; PEREIRA, Hérica Paiva. **O estudo da variação linguística e suas contribuições para o ensino.** Pernambuco: 2016. Disponível

em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/9185>> Acesso em: 21.05.2022

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1986

TARANTO, Fabiano. **Como preconceito e discriminação se relacionam com os processos de ensino e aprendizagem?**.XXIV Seminário de Iniciação Científica da PUC-RIO; Rio de Janeiro. p. 20; 2016.

VIANA, Guilherme. **Variações linguísticas**. 2022. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>> Acesso: Acesso em: 08.03.2022